



O Gaiato

AVENÇA

Quiuzenário * 5 de Junho de 1976 * Ano XXXIII — N.º 841 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

ACTUALIDADE VICENTINA

ESCOLA

Os Vicentinos da Diocese do Porto promoveram o seu 34.º Dia Vicentino na nossa Casa de Paço de Sousa. Vieram para orar e reflectir. Em espírito de auto-crítica, à luz das Verdade eternas e da sua vocação específica, debruçaram-se afincadamente sobre os problemas e as necessidades da Sociedade de S. Vicente de Paulo na conjuntura actual. Foi com agrado que a todos recebemos, certos que Pai Américo, que os estimara em vida e tantas vezes lhes falara, por esse Portugal fora, estava presente no meio de todos, como a repetir-lhes as palavras do

Mestre, da liturgia do dia: «O que vos mando é que vos ameis uns aos outros. É este o Meu Mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos ame!».

Como Pai Américo um dia afirmou, «vicentino é o homem de vida interior que procura o estado de Graça para bem cuidar do seu Pobre». Isso o distingue do filantropo ou do simples benemérito cidadão; isso o leva à caridade evangélica, adaptada aos tempos e às circunstâncias, detentora da espontaneidade própria dum cristianismo inventivo e consequente. Vicentino é o homem

do testemunho, que deve falar mais com os actos do que com palavras. Certo de que a caridade exige a justiça e repele a injustiça, em diálogo permanente com o seu semelhante sofredor ou atribulado; não procura todavia ser reformador social ou revolucionário à moda do Mundo, com trombetas e barulho, antes procura partilhar com os seus Irmãos a sua própria pobreza, dando daquilo que possui, em tempo e em diálogo, repartindo discretamente dos seus recursos materiais ou outros, ainda que fracos e limitados.

O vicentino é, porém, um homem inquieto e insatisfeito, como deve ser portador duma alma plena de fé e de esperança. Inquieto e insatisfeito porque sensível às injustiças e às carências de todos os tipos, quer materiais ou espirituais; conhece que colmatadas aqui, logo se descobrem além; ele não pode repousar ou mirar-se ante o bem realizado. Portador duma alma plena de fé e de esperança, porque é em Deus que fundamenta e deriva toda a acção, cumprindo os Seus Mandamentos ou fazendo o que Ele ordena, procura desde já viver da expectativa do mistério pascal da Ressurreição.

Cont. na TERCEIRA pág.

O ano lectivo chega ao fim.

Aproveitamento?... A nível de passagem, vários o terão. Ao da aquisição de conhecimento, menos. E muita dissipação se enraizou com a desorganização escolar reinante: aulas que não começaram; delas que sim e tornaram a ficar sem professor; outras que muito tarde começaram com programa por atacado; faltas que não contavam e depois passaram a contar, quando os alunos, desabituaados da continuidade e mal-habituaados a muita «boleia», se esqueciam que depois do primeiro tempo, tinham o terceiro ou quarto ocupado e se ficavam por lá nas voltinhas extra-muros da Escola em que matavam os tempos mortos. Toda uma verdura de cima para baixo; como se fosse da juventude que se deveria esperar a maturidade compensadora do caos escolar! E às vezes até foi; até foram alguns alunos conscientes e briosos que, aproveitando em cheio o pouco que lhes foi dado, terão evitado o fracasso total!

E, no entanto, neste momento, já não é o presente-passado que me preocupa. Quem eu olho angustiada é a meia-dúzia de finalistas do Ciclo com qualidades de inteligência e de trabalho mais que suficientes para o prosseguimento de estudos e que eu hesito em lançar nessa maré sem regra que tem sido a nossa Escola Secundária. Depois, surge-me ampliada à escala nacional esta visão familiar.

Que nos trará a Escola Portuguesa o ano que vem? Autêntico progresso?, ou permanência destes «progressismos» imaturos cujos resultados estão à vista?

«A quem interessa o caos no Ensino?» — tem perguntado em sucessivos artigos um diário do Porto. Eu também pergunto. Sei que se desperdiçaram valores humanos preciosos ao País, para não falar dos económicos, milhões e milhões de contos dissipados sem proveito para ninguém.

A derrocada veio por aí abaixo e atingiu todos os níveis escolares. A Telescola, antes tão organizada, tão pronta, é agora um poço sem fundo, desde a burocracia que demora sem se saber porquê o simples envio de uma certidão que nos acostumámos a receber na volta do correio, até à irresponsabilidade da criação dum Posto sem o material indispensável ao seu funcionamento. Assim acontece com uma turma do 1.º ano no nosso

Posto, que, se o não tivéramos por nosso, ainda hoje estaria sem aulas por falta de televisor e gravador que lhe emprestamos. Escreve-se, telefona-se... — nem uma explicação.

E que dizer de erros denunciados e não corrigidos? Assim foi há tempos na disciplina de Português e mais recentemente a propósito de um ponto de Matemática cuja chave era fornecida aos monitores com 8 soluções erradas.

Sabido que alguns monitores não se dão ao trabalho de fazer o ponto ou não têm competência para acreditar no seu resultado divergente do da Telescola — quantos alunos não terão respondido certo e recebido a sua resposta como errada, somente porque a classificação é feita às cegas, pela chave fornecida. Chamou-se a atenção a quem o erro compete. Pois até à data, nem em

Cont. na TERCEIRA pág.

«Pão dos Pobres»

Quando este número de «O GAIATO» sair à rua, pouco faltará para terminar a impressão da 4.ª edição do 1.º volume do «PÃO DOS POBRES».

Depois, a obra será brochada na encadernação. E, por fim, teremos o moroso serviço de embalagem e expedição.

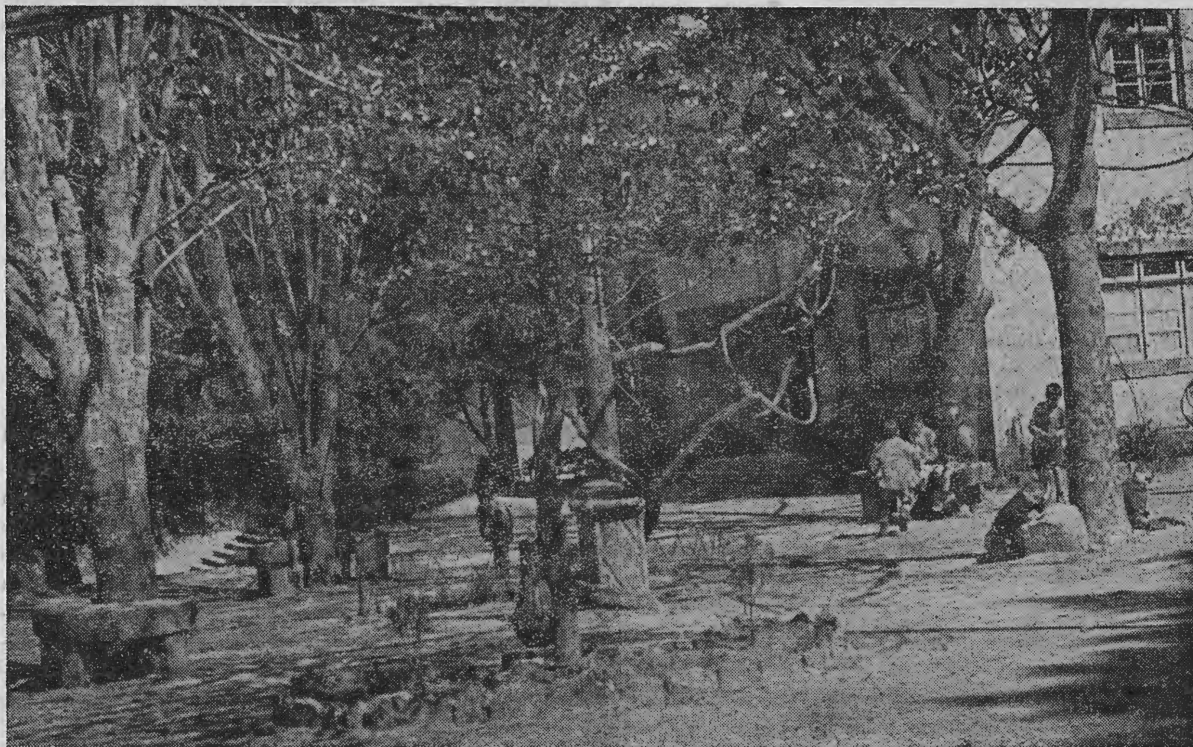
No entanto, contamos fazer chegar o volume às mãos do Leitor ainda em tempo de férias. Tempo propício, com Mensagem oportuna.

Em dedicatória «Aos que trabalham e aos que sofrem», Pai Américo afirma que o livro é «dedicado ao Pobre; ao Pobre com letra maiúscula, sentido absoluto que abrange a legião de Famintos e dos Escorraçados, por amor de quem tenho feito sangue nos pés e desejaria dar todo o das veias para melhor os servir e mais perfeitamente os amar» — como aconteceu.

«Não tem prefácio. Eu podia ir ter com um senhor grande e falado, a pedir os dizeres do estilo; mas não. O Pobre é coisa tão santa e tão divina a missão de o servir, que unicamente sabe o que diz quem for pobre ou servo deles; as experiências não se transmitem.»

Esta presença de Pai Américo é actualíssima. Até por certas peneiras intelectuais, que por aí abundam, tendentes a eliminar a palavra Pobre (só a palavra...) da linguagem corrente, do próprio dicionário; substituindo-a por carismos neologismos que ofendem a voz do Povo e beliscam o espírito e a letra do Evangelho!

Júlio Mendes



Paço de Sousa — Recinto predilecto dos «Batatinhas»: é o lago; são os bancos de pedra; e a copa do arvoredo.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

XXXIV DIA VICENTINO — Em 23 de Maio foi o Dia Vicentino da Diocese do Porto, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Estiveram connosco centenas de recoveiros dos Pobres, vicentinas e vicentinos, e seus familiares.

Partilhámos experiências. E, durante o dia, reflectimos uma agenda de temas oportunos: «A Sociedade de S. Vicente de Paulo na conjuntura actual» e «Dificuldades da Sociedade de S. Vicente de Paulo».

Não nos compete a síntese das conclusões de grupos, que será feita pelos responsáveis. Mas, em ligeiro apontamento, a opinião geral em relação ao primeiro ponto da agenda revela que a acção da Sociedade de S. Vicente de Paulo poderá subsistir em todas as sociedades verdadeiramente livres, que respeitem os cristãos e o primeiro e único Libertador dos homens — Cristo.

No que se refere à sua acção específica, a Sociedade de S. Vicente de Paulo é tão flexível ou adaptável às circunstâncias que haverá sempre meios de justificar o seu fim — o Mandamento Novo.

Quanto à difusão da S. S. V. P., criticada e auto-criticada pelos presentes, não deixou de ser focada a generalizada omissão pastoral na formação/educação permanente dos cristãos na Doutrina do Amor; no concreto da vida, nos próprios meios em que estamos inseridos.

«É preciso que a letra diga com a careta», apesar de todas as nossas limitações; dos cristãos, é evidente.

«UMA GRANDE MESÉRIA» — A filha dava o caldo à mãe, que espera a sua hora derradeira.

— É preciso meter o caurdo na boca. É preciso assistir. Não ingole! Veja: — O mãe coma!...

Estávamos frente à cama, sentados numa arca velha, carcomida, que fora resguardado do seu bragal. Esperávamos pacientemente o devoto trabalho da filha, enquanto o nosso pensamento deslizava de Alto abaixo, suspensos da cruz sobre a mesa de cabeceira.

Da janela vemos os campos, os pinheirais; e ouvimos o chilrear doce dos passarinhos, entretidos com os ninhos, sem problemas. A Natureza, verdejante e em flor, ensina a vida ao bicho-homem...

A páginas tantas, o dono da casa, passo trôpego, vem até nós, de mansinho. Os seus olhos, septuagenários, pintam-se de lágrimas. Dá meia volta. Puxa uma cadeira. «Sente-se aqui!»

Queda frente à esposa, como uma estátua. Fala para si. Minutos de silêncio activo. Depois, fita-nos com um ar de tristeza: — Isto é uma grande meséria! Quem havia de dezer o que nos esperava no fim da vida!...

Quanta verdade nesta justa contestação, sem cartazes nem palavras d'ordem!

A doente desperta um nadinha do seu estado de coma. Reconhece a

nossa presença. Engole um trago de sopa. E as lágrimas afloram e desprendem-se até ao lençol de linho caseiro!

— Já me conheceu!
— Isto é uma grande meséria!...
— repete o pobre homem.

— Não se entristeça! Agora, faltalhes o suficiente?

— Não, graças à Senhor!

— Como vê, apesar das faltas dos homens, Deus não desampara os Pobres, os Justos.

— E não, graças à Senhor!

Não tivemos escrúpulos em canonicar este casal dentro das quatro paredes de sua casa. O seu calvário justifica-os, sim senhor.

Veio depois à baila a pensão da esposa.

— Eles cismaram com a gente...!

A propósito da pensão social para as septuagenárias da Lavoura, que sofreu um impasse injustificável, permitimo-nos chamar a atenção da Junta Central para uma inflação ou redundância de papelada que não beneficia ninguém, nem os próprios Serviços. Concretamente: quando do despacho para os homens, houve logo mulheres — e muito bem — que entregaram a sua papelada. Resultado: umas Casas do Povo atenderam; outras, não. Estas, vá lá, guardaram a papelada. Agora, porém, só a quem aparece se dá a mão, exigindo-se às mulheres nova papelada — requerimento, atestado da Junta de Freguesia... — excepto a certidão do Registo Civil! Mas porquê?! Se a pessoa é viva, se se apresenta pessoalmente nos Serviços, para quê repetir o que já está feito?! Serão condições no processo ou novas formas de tortura?... Andamos tão torturados com desfasamentos, impasses e duplicações nos reinos da Previdência Social, que uns, dizem, é «falta de planeamento»; outros, «falta de massa»; outros ainda, «falta de pessoal» (com tanta gente desempregada de norte a sul do País!). É melhor ficarmos por aqui.

PARTILHA — Durante a quinzena abeiraram-se de nós sete samaritanos, de mãos abertas e alma cheia. Como habitualmente, muito discretos e delicados; ao contrário dos fomentadores da caridadezinha.

Um vale do correio, de Lisboa, no valor de cem escudos, para distribuímos pelos Pobres «segundo a forma que melhor» entendermos. «Com um afectuoso abraço» — que retribuimos — o nosso Amigo pede anonimato; segue a ordem do Mestre.

Mais uma oferta, delicadíssima, de Faro. Quando quiser e puder, faça sempre assim. Obrigado.

Agora, são mais 100\$00 de «Uma Figueirense» que nem a velhice nem a doença fazem moça à sua partilha com os Pobres.

Temos, depois, a «gotinha referente a Maio» de uma grande Amiga que reza sempre por nós. São esteios que seguram!

Mais uma remessa oportuna, de Peniche.

Outra de 600\$00 com a mensagem de «Uma Assinante do Seixal», cuja perseverança está na razão directa da sua fé:

«Para os Irmãos da Conferência a quantia habitual, manifestando a minha tristeza por ver tantos leitores descrentes e apreensivos. Ora a nossa fé traz-nos uma esperança permanente em Jesus Cristo, cujo Reino não é deste mundo, mas que começa aqui, precisando de nós, cristãos, como meio de acção para o tornar mais justo e fraterno. Se nos deixamos abater, nada feito. Aqui há uns anos, não via tantas manifestações de desânimo; e não era melhor o nosso Portugal de então, de certeza!»

Por fim, outra mensagem de um Vicentino de Lisboa, sempre à nossa ilharga:

«Quase 24 horas por dia, políticos, politiquetes, sociólogos e oradores de comício apregoam aos quatro ventos que vão acabar com a pobreza em Portugal. Não obstante, as palavras passam e os Pobres ficam. E ficam também, como advertência aos demagogos baratos, as palavras de Cristo esculpidas no bronze do Evangelho: «Pobres sempre haveis de os ter». Sentença terrível esta e que nos faz meditar.

Se a pobreza é um mal e sendo Jesus o Deus do Amor não acaba com ela, alguma razão, que nos transcende, haverá para isso. Talvez, precisamente, para pôr à prova o nosso amor para com Ele e para com os Irmãos. Não foi o Senhor que ensinou: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos ameis»? Não foi o Senhor que nos disse: «Tudo quanto fizerdes a um destes pequeninos é a Mim que o fazeis»? Parece, pois, que há nestas passagens evangélicas um apelo à partilha por amor de Deus e do Próximo; à partilha por aqueles que são mais pobres do que nós.

Tudo isto vem a propósito do caso da mulher do beneficiário (ou vítima?) da Previdência, em apuros com o merceiro porque a Caixa só empata e nada resolve.

É um apelo de Deus, de que «O GAIATO» se faz eco, como tanta vez, e que não posso nem devo ficar insensível. Para tanto aqui vai um pequeno cheque para ajudar à mercearia da pobre «mulher jovem envelhecida pela cruz da vida». Que Deus lhe valha.

Agradeço uma oração pela nossa Pátria e por minhas filhas Maria Cristina e Maria Majalda.

Cordeais saudações vicentinas...

Deus lhes pague.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

UM CASO! — Vou contar um caso simples passado com o nosso pretito Fernando, ou melhor, Nando.

Dirigia-me ao nosso bar, quando, no redondo, ouvi um burburinho; e logo fui espreitar.

Era o Nando que, alegremente, cantarolava. Eu bem queria saber o que ele dizia, mas não consegui.

Com a mesma descontração de sempre, Nando é uma pessoa impor-



O Zé Pereira e a Rosa no dia do seu casamento

tante dentro da nossa Comunidade. Pois então, a Casa não é para os mais pequenos?!

FIM-DE-SEMANA — Temos fim-de-semana!

E, com ele, as preocupações de cada um procurar fazer o melhor que puder, na medida em que cada um procurar estar no seu lugar, no desporto ou na modalidade que escolheu.

Todos temos de estar ocupados. Para já com desporto: andebol, mini-futebol, natação, basquetebol, etc. Mais tarde, e para o Inverno: música, leitura, pintura, etc. Mil e uma coisas em que cada um poderá ocupar o sábado de tarde, o seu fim-de-semana!

«Marcelino»

LAR DE LISBOA

TRABALHO — Os terrenos das laranjeiras da nossa quinta são agora extensos mantos verdes, das batatas novas. Refiro-vos isto porque à semelhança do que aconteceu na Casa de Miranda do Corvo, também os estudantes que estão no Lar de Lisboa foram passar as férias com toda a Comunidade, ao Tojal.

Por coincidência a nossa ocupação também foi as batatas. Batatas essas que, juntamente com outros Rapazes, semeámos na altura própria. Depois de crescerem e com elas as ervas, tornou-se necessário sarchar, adubar e, finalmente, amontoar a terra. Isto o que fizemos em nossa estadia no Tojal.

Foi um trabalho que fizemos com bastante gosto. Não só pelo facto de acabar com certas concepções sobre os «lordes do Lar», mas também porque contribuimos para o auto-abastecimento cada vez mais necessário nos tempos que correm. Além disso, como membros da Comunidade, viremos a beneficiar desse trabalho. E a avaliar pelo seu aspecto é de crer que viremos a ter uma boa colheita.

PEDIDO — Quando estive na rouparia a senhora D. Virginia pediu-me para vos comunicar que precisamos de ferros de passar e de pano turco para a toalhas da próxima época balnear.

Quem, de entre vós, poderá atender alguma destas necessidades? Já me lembrei, no que diz respeito ao pano para as toalhas, falar para os armazéns da especialidade...

Jorge Cruz

ORDINS

Num dos últimos números de «O GAIATO» vem o seguinte: «Dêem-me uma casa mesmo velha». Aproveitando este título, cujo tema é sempre o de maior preocupação para a humanidade inteira, venho pedir a vossa colaboração para o acabamento da casa de uma antiga tecedeira. O pai dela começou a construí-la, mas faleceu pouco depois. Homem do campo, onde trabalhavam todos os três, com a morte dele ficou a mulher e filha sem meios. A mãe, com bastante idade e doente, recebe agora a pensão da Casa do Povo.

Como os chales deixaram de se usar, também as tecedeiras não têm que fazer! Ora eu tenho vontade de lhe acabar a casa; mas esse desejo só poderá ser concretizado com a ajuda dos nossos Amigos, leitores de «O GAIATO». De mim, nada tenho, senão a preocupação que Deus me deu em descobrir as necessidades mais urgentes dos nossos Irmãos e tentar remediá-las. Se é certo que a vida está má para muitos, outros há que melhoraram de situação. A vida é de esperança e não de desânimo. Por isso, espero e confio em que o carteiro traga o vosso óbulo, o que desde já agradeço.

Dantes, ainda recebia alguns donativos mensais que destinava para estas coisas; mas, agora, foram faltando. Recebi, há dias, por intermédio da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, 500\$. Há mais dois leitores de Lisboa que são persistentes na sua mensalidade. Quem dera muitos!

As despesas da Casa são feitas do que nos fica dos trabalhos que fazemos; e às vezes não chega. Os trabalhos mais procurados são os dos teares, colchas em lã e algodão, em gaze, jogos de sala de jantar em juta e ouro, mantas, passadeiras, etc. Esperamos sempre com alegria as vossas encomendas. Até breve.

Maria Augusta

Actualidade Vicentina

Cont. da PRIMEIRA pág.

A visita dos Vicentinos alegrou-nos a todos os títulos, mas sobretudo, porque bem entendida, a sua vocação é a de homens particularmente «comprometidos» com os predilectos do Mestre: os Pobres, os Doentes, os Presos e os Pecadores; em suma, todos os homens em dificuldades ou em provação. Ora, estes são também os mais queridos da Obra da Rua e dessa afinidade a razão de ser do nosso especial apreço e da nossa amizade para com a Família Vicentina. Cristo sofredor continua presente no meio de nós, nas pessoas dos Irmãos marginalizados, sem fé e sem esperança, mesmo até quando dispendo dos maiores bens terrenos. E se todos somos chamados a denunciar os males deste Mundo e a empenhar-nos sinceramente na construção duma sociedade mais justa e bela, sabemos, porém, como já aqui escrevemos, que a «civilização do amor» só se poderá edificar pela dádiva de nós mesmos, realizando de maneira efectiva o amor aos Irmãos, pela partilha fraterna, em justiça e caridade. E se Pobres sempre os teremos, dos mais variados tipos e nas mais dispareas circunstâncias, não esqueçamos

a palavra de Paulo VI: «Procurai compartilhar aquilo que possuis com os que vos rodeiam: o verdadeiro Pobre descobre sempre alguém mais pobre do que ele».

Enxugando lágrimas; consolando doentes ou amargurados; acalentando e fechando os olhos aos moribundos; ajudando materialmente na aquisição do pão ou do vestuário; proporcionando habitação ou os meios de a obter ou tornar capaz; fomentando a promoção das pessoas nos mais variados aspectos; apoiando iniciativas ou obras para o bem-comum; dando emprego ou ajudando a encontrá-lo a quem o não tem; visitando os solitários; dando a conhecer os direitos de cada um e ajudando as pessoas a usufruí-los; ouvindo e dialogando com quem necessita; dando o exemplo de fraternidade e de atenção a todo o semelhante, eis tarefas bem dos Vicentinos, entre as muitas que se poderiam apontar, se Deus está presente nas motivações e nas finalidades. Actualidade da Sociedade de S. Vicente de Paulo? Nem é pergunta que se faça se os vicentinos forem fiéis à sua vocação de sempre dentro do «espírito de juventude» e de adaptabilidade que sempre a caracterizou.

FESTAS

Cá estamos de novo com as nossas Festas!

Depois de um ano de ausência, as saudades eram grandes...

Assim, Amigos, já estivemos convosco no Porto, em Coimbra, Aveiro e noutras localidades do centro do País. E, com alegria, vamos tendo salas cheias, testemunho real da vossa amizade. Um abraço amigo e a nossa gratidão.

Vamos sempre com alegria e amor — aonde nos chamam — levar uma mensagem de Confiança; afirmar que, mesmo quando os homens se destroem mutuamente, nós procuramos construir; e, com os olhos postos no futuro, vemos cheios de esperança que ele nos sorri; por isso, sorrimos também.

É uma festa simples. Peço que não a vejais só com os olhos do rosto; mas um pouco mais fundo, com os olhos do coração e da alma. De contrário, seria uma decepção. Já sabeis que não somos artistas, mas jovens que começam a

E, sem perdermos tempo, já, com entusiasmo, dinamismo e criatividade, ouçamos a voz de Ozanam e de seus companheiros: «Vamos aos Pobres!»

encontrar-se; depois de uma sociedade, ainda putrefacta, nos haver posto no mundo em condições infra-humanas. Por isso, olhamos o futuro. E sorrimos.

Olhai a Festa com os olhos da alma e do coração! Vede além das fronteiras que a nossa condição humana nos impõe! Olhai-a com os olhos do amor!

Do programa consta uma pequenina peça de teatro. Uma verdadeira mensagem de fraternidade; talvez um pouco acusativa; mas hoje precisamos de acusar, para, depois, verificados e identificados todos os erros, podermos corrigi-los e construirmos assim uma sociedade nova, humana e justa para todos os homens.

A peça teatral que tem por título «Para que o homem não seja mais vítima do homem» talvez seja um pouco deficiente na encenação e ensaio, mas rica de testemunho. Deixai calar bem fundo nos corações a sua temática, o seu grito de justiça humana e espiritual.

A segunda parte inclui variedades. Alegria e boa disposição. Remédio para a tristeza e para o clima de desconfiança que temos vivido. Nós, os Gaiatos, queremos alegria e confiança no futuro. O calor da vossa amizade há-de contagiar outros, ainda arredios.

Até agora ainda não disse quem sou: o «Lita». Entrei para a nossa Casa de Miranda do Corvo há doze anos, quando minha mãe deu entrada nos hospitais da Universidade de Coimbra onde faleceu, passados dias. Já estiveram nesta Casa os meus dois irmãos; um deles, de quem herdei o nome, ainda cá na altura, foi quem pediu a minha admissão.

Fiz a Instrução Primária e, seguidamente, transitei para Coimbra, onde completei o Curso Liceal; findo o qual deparei com as portas da Universidade fechadas! Cumpri o Serviço Cívico como chefe da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo (este Serviço Cívico não foi considerado oficialmente!). Mas, hoje, já sou aluno do 1.º ano da Faculdade de Ciências e Tecnologia, no Curso de Electrónica, em Coimbra.

Como é evidente, sou um dos responsáveis pelo programa das nossas Festas, nas zonas centro e norte de Portugal. E, neste sentido, como outros já fizeram, não posso deixar de chamar a vossa atenção para o restante calendário da nossa tournée; e da Comunidade de Setúbal, também.

«Lita»

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Uma carta do Porto, letra tremida mas legível, sensibilizanos. Fruto de grande Amizade, só ela faria esta coluna, responderia por toda a procissão e pela sua razão de ser. Aí vai:

«Envio quatro assinantes de «O GAIATO». O primeiro é meu filho, os outros são meus netos. O meu desejo é que todos conheçam esta Obra para a amar.

Logo que seja possível mandem «O GAIATO».

Que Deus me conceda a graça de uma boa morte. Sou, com muito amor, assinante há longos anos.»

Aparecem luzeiros assim, de vez em quando. Discretos. São testamentos que não trazem o selo da morte, mas da Vida que Sé comunica.

Hoje, parte da coluna marcha a nível familiar! Ouçam Torres Novas:

«Tenho a alegria de enviar três assinaturas do nosso grande jornal. Na verdade, não existe outro como o «Famoso»! Concedido pelo Pai Americano, consegue derrubar o egoísmo de muitos corações e será sempre o mensageiro imortal (porque fundado sobre a palavra de Deus) entre os homens. Como amo a vossa Obra e desejo que os meus sobrinhos mais novos a amem também (senão mais, pelo menos com a mesma veemência), aqui lhes envio os seus nomes, para que, a partir desta data, fiquem a receber o jornal que tem o dom de espalhar a luz sobre as trevas. Bem hajam.»

A força da Família!

No entanto, convém sublinhar as passagens de testemunho. Lisboa:

«Tendo participado o falecimento de meu Pai, venho comunicar que a partir desta data ficarei com a assinatura do jornal, Obra que eu também muito admiro...»

Outra nota, expressiva: Leitores-avulso que enfileiram como Assinantes, por não terem «O GAIATO» em suas terras.

Vimieiro:

«Sempre que esteja em sítio aonde haja o nosso jornal «O GAIATO», não deixo de o comprar. Primeiro: porque gosto imenso de o ler; segundo: porque acho imensa graça ao interesse enorme que os garotos têm em distribuí-lo.

Gostaria de ser assinante do jornal, uma vez que aonde vivo não existe...»

Lisboa:

«Era meu costume comprar «O GAIATO» a um pequeno que encontrava na estação do Rossio. Mas, como desde o princípio do ano não viajo no comboio, deixei de ter oportunidade de o adquirir e tenho pena. Portanto, peço me considerem assinante e me digam como hei-de fazer o pagamento. Nesta data envio um vale de correio para a vossa Obra que muito admiro.»

Vamos só dar relevo a outra mensagem, significativa. Um postal ilustrado com duas crianças de mãos dadas; pano de fundo, sol e mar; legenda, um

trocho de António Botto: «Organizem os povos, estabeleçam a concórdia, acabem com a miséria, e veremos, depois, se a vida não é um cântico ao amor e à natureza». No verso, Belita afirma pelo seu punho:

«Nunca fui capaz de passar por um dos vossos Rapazes sem comprar o vosso jornal. É o único que leio do princípio ao fim. É bom ler «O GAIATO». Tão bom, que hoje quis dizer obrigada pelo pedaço de felicidade que me deu. É que, ao ler «O GAIATO», sinto que ainda há pessoas válidas.

A felicidade não se paga por preço nenhum. Isto é apenas uma migalha que encontro para repartir convosco.

Gostava imenso de fazer uma assinatura de «O GAIATO», porque nem sempre encontro os vossos Rapazes. Digam-me como a posso fazer, sim? Obrigada.

Para vós, o meu abraço amigo, o meu sofrer com os vossos problemas, o meu sentir-vos presente quando peço ao Pai por todas as Crianças do mundo.»

Partilha cristã!

Finalmente, revelamos as terras que marcaram presença com novos Assinantes: Porto e Lisboa, um mundo deles. Mais Louçã, cumprindo uma promessa; Ílhavo, Balazar, Mafra, Miranda do Corvo, Mirandela, Oliveira do Bairro, Arouca e Farmingville (USA).

Júlio Mendes

- 11 de Junho — Teatro de Anadia — Anadia
- 11 » » — Cine-Teatro João Mota — Sesimbra
- 12 » » — Casa do Povo de Mira
- 12 » » — » » » » Alcochete
- 13 » » — Teatro Avenida — Coimbra
- 13 » » — Vendas Novas

ESCOLA

Cont. da PRIMEIRA pág.

privado nem na emissão se fez referência ao engano.

Agora soube-se que a avaliação no 2.º ano vai fazer-se em cada Posto, sob a responsabilidade do próprio monitor.

Quem garante a seriedade dessa avaliação? Todos os monitores terão competência profissional para a fazerem e a coragem moral para serem imparciais na sua execução?

«A quem interessará o caos no Ensino?» — também eu gostava de saber!

Padre Carlos



Trabalhos agrícolas na Casa do Gaiato de Benguela

SETÚBAL

● Voltei de novo a fazer uma grande ausência no «Famoso».

Não é de forma nenhuma o desânimo. Nada disso. Não é que a nossa vida não seja cheia. Não é que me tenha faltado o desejo da comunhão com os Leitores ou não sinta a responsabilidade de colaborar num jornal que é nosso. Tenho-me sentido abafado pelas solicitações desta família enorme de que sou a pedra de toque e também pela miséria que sinto aumentar de uma forma progressiva e assustadora.

Nesta revolução em que muito se tem dito, prometido e programado e quase nada se tem feito, eu optei por uma posição que considero autenticamente revolucionária: fazer, construir e calar.

Se não fora uma posição sempre activa em contínuo desenvolvimento, onde estaria eu mais os meus a estas horas?

Semear e colher. Programar e realizar. Dar ao Rapazes consciência de que tudo depende de nós. Fazê-los distinguir o bem do mal. Dar-lhes forças para resistirem às enganadoras e quiméricas promessas dos profetas da facilidade. Sofrer as derrotas e derrocadas dos que atrás deles se têm deixado ir. Eis — diria Pai Américo — alguns dos motivos porque tenho andado alheio.

● Ontem veio uma mãe trazer-nos três. Dois de onze anos, gémeos; e mais um de treze. Chorou várias vezes, ao pé de mim, a sua triste vida mais a incapacidade de pôr cobro aos desmandos dos filhos que chegavam a andar fora de casa uma semana; que fugiam à escola; que levantavam a mão para ela; que andavam

com uma troupe na pilhagem; que iriam ser amanhã uns desgraçados e cavariam a sua já tão arruinada vida. Que pelo amor de Deus os salvasse a eles e a ela! Que o marido não trabalhe. É um alcoólico incorrigível. Que eles são filhos do álcool, pois o marido sempre assim foi e agora se encontra internado no Miguel Bombarda. E disse, disse, disse..., no meio de lágrimas de impotência que comoveriam as próprias pedras!

É de Setúbal. Mora num bairro social. É mulher a dias. Tinha possibilidade de construir a sua família se o marido não fosse assim alcoólico.

Eu não lhe dei muitas esperanças! Os rapazes, naturalmente, irão fugir. Habitados à vadiagem e às facilidades da rua, já com esta idade, dificilmente tomarão o gosto da dignidade. A mãe enganou-os. Que vinham a uma excursão. Mandei-os ver a nossa Casa. A piscina. Estava um domingo de calor. O campo de futebol. Encantou-os as vacas, mais as ovelhas e os porcos. Que ficavam cá. E ficaram. Hoje já foram à escola. Vamos ver!

A mãe desabafou: — Que no bairro lhe disseram muito mal de mim e disto tudo. Que só com um grande pedido, etc., etc. São os semeadores do mal! Invejosos das nossas searas. Não admira.

● Tenho junto de mim um montão de pedidos! Gente revoltada que não vê fazer nada e um alheamento total à desgraça das Crianças desamparadas. Viúvas! Prostitutas! Vicentinos! Amigos do Bem! Devo dizer-vos que esgotámos a nossa capacidade e fazemos o mais que podemos.

fiz eu próprio essa experiência. Mas provei-a no carinho colhido por alguns dos nossos Rapazes que tiveram necessidade de acolher-se à sua sombra benfazeja e regressaram de saúde recuperada e mimados de bafo familiar.

Isto sei-o e sabem-no muitas mães das zonas mais pobres da cidade. Tão bem o sabem que, aqui há tempos, ao chegar-lhes a nova de que um grupelho de enfermeiras, manipuladas, purgando veneno de mentira contra as Irmãs, pretendiam arrumá-las fora do Hospital, manifestaram apoditicamente a sua vontade de que as Irmãs permanecessem para bem dos seus filhos — e arrumaram elas o dito grupelho. Bravas Mulheres do Barredo e da Ribeira e de Mira-gaia!

Também sei que há vários anos já se sonha e se trabalha pela transferência do Maria Pia para novas instalações a construir na Circunvalação, que as actuais, fruto de muitas adaptações e saturadas de movimento, não podem responder tanto quanto seria desejável.

A notícia desta próxima-fu-

● A nossa Telescola tem sido um grande quebra-cabeças. O Ernesto já em tempos deu o alarme. Ele tem cá dois dos seus filhos!

Criámos aqui o Ciclo Preparatório pela Televisão para facilitar o ensino dos nossos pais os filhos dos nossos vizinhos. Tudo correu bem e os Leitores estão informados da nossa boa impressão deste ensino, enquanto ele foi particular e os professores dependeram de nós. Para maior facilidade económica, aceitámos a oficialização do Posto. Oh desgraça!...

Mercenários que se não doem das ovelhas!... Os professores interessam-se por receber «o bago» no fim do mês. A nossa Casa foi invadida por adolescentes de fora que, vendo-se à vontade, entram nas camaratas dos Rapazes, nos balneários, na cozinha, na padaria, nos estábulos; assaltam o pomar, roubam e estragam sem a mínima vigilância dos responsáveis que lavam as mãos de uma forma deseducada: «Isso é com o padre». Nós já aqui temos tantas dores de cabeça por causa dos nossos e ainda temos de aguentar o odioso que não nos pertence, de pôr na ordem os filhos dos outros a quem queríamos cativar e ajudar.

Durante este ano, a Telescola não tem tido da parte dos superiores hierárquicos qualquer vigilância. Se não fora a nossa exigência, não sei o que isto seria! Não há horas! Não há dias de trabalho! As responsáveis faltam quando querem! Ninguém vigia! São senhoras de si próprias!... Naturalmente que eu não posso concordar com uma situação destas.

A Casa do Gaiato é uma Obra pobre. Não cede instalações para fins que não sejam a educação, a instrução e a cultura. O resto é burguesia. Assim, a Telescola como Posto oficial tem os dias contados.

Padre Acílio

tura construção (oxalá seja mesmo próxima!) alegra-me, pois. Mas tenho medo da ênfase dos níveis e prefiro sempre a humildade das realizações, sobretudo numa Obra, como o Maria Pia, destinada à Criança, mormente a Criança pobre.

Que soberbas paredes jamais venham a asfixiar aquela pobreza digna, aquele clima de ternura, gerador da alegria que sempre se tem respirado nas acanhadas instalações da Boavista e quase faz esquecer a doença que ali mora.

Se houvésemos de escolher entre o nível do prédio e do apetrechamento e o nível humano, decerto não hesitaríamos na preferência por este, em qualquer hospital, mormente se à Criança se destina.

Que venha depressa o novo Maria Pia. Mas que ao transferi-lo, não fique na Boavista a «alma» que sempre lhe deu vida. Que neste ponto, mesmo sem conhecer termos de comparação estrangeiros, não duvido que o seu nível já há muito é internacional.

Padre Carlos

PARTILHANDO

Fui dois meses ao Brasil. Foi uma presença no meio de alguns problemas familiares. Dez anos cá, e meus pais lá, sem nos vermos mais. O Brasil! É grande em tudo. Na beleza, na riqueza e na pobreza.

Do Rio de Janeiro trago as mais fortes recordações das pessoas e das situações. De outras cidades, só colhi as impressões que a falta de tempo me permitiu. De tudo o que vi e senti, duas impressões me marcaram o espírito: a beleza única da Natureza e as contradições sociais de um Povo a crescer...

Confirmei a opinião de que o Rio é das cidades mais bonitas, senão a mais bonita. É a cidade de cimento e capim, aninhada nos morros e estes, sentados no mar e tudo a reflectir a harmonia de um todo, onde as leis mais pequeninas são respeitadas.

O mesmo não acontece no aspecto social. As contradições são já muito fundas e assentam nas tais sociedades de consumo que dão àqueles que já têm e tiram aos que nada têm. A lei protege o mais forte, pois o dinheiro é a tentação absurda de quem é fraco de espírito.

Pelo que li num jornal carioca, o número oficial de Crianças abandonadas em todo o Brasil anda à volta dos quinze milhões. O ordenado mínimo mensal estabelecido por lei é de quinhentos cruzeiros. O cruzeiro vale pouco menos de três escudos. Não é para admirar que o ladrão e o crime espreitem na esquina da rua mais próxima. Aqueles milhões de Crianças abandonadas têm o direito de ser marginais, desde o momento em que ninguém foi capaz de lutar positivamente pelo fim da sua exploração em todos os campos. Aqueles ordenados de fome abrem caminho a todo o género de vidas perdidas. Quem em criança foi despojado de todo o afecto e carinho familiares, não pode nem deve ser castigado como criminoso, só porque através de actos feitos à margem das leis sociais, quer chamar à sociedade em geral, ou em particular, a grande culpa da sua marginalidade. Por via da regra, antes de alguém ser ladrão para a sociedade, ela foi ladra, em primeiro lugar ao desprezar e roubar direitos inalienáveis desse alguém-ladrão, esquecido pelos homens, pelas instituições e pelas leis. Quem semeia ventos, injustiças e opressões, colherá tempestades e revoluções! É a lógica da história. São os homens!

Para tudo há explicações. Mas o importante será explicar a verdade de cada situação, à luz da experiência histórica

que o Homem vem fazendo desde o princípio.

Cada momento de opressão há-de ter o seu fim aqui mesmo e num futuro próximo. E cada momento de libertação jamais terá a cor da morte. Aquele que não acreditar em tal, agindo, oprimindo, há-de ser o «oprimido» de um futuro mundo, desbloqueado da estrutura mental «doentia», onde os homens se vão olhar com simplicidade... Até lá, a Esperança... E se eu ou tu formos os opressores, havemos de sentir na carne e no espírito as consequências de tal atitude — a destruição interior e até exterior. É fácil oprimir. Bastará criar uma capa de bom. Dê herói. De vítima. Bastará um pouco de orgulho no exercício do poder ou do servir. Mais um pouco de fanatismo na defesa de suas ideais — as melhores. Um pouco mais de cegueira espiritual quando se vê o outro como um «outro qualquer». E mais uma dose de insensibilidade. E eis o monstro da opressão a desenhar-se no rosto de quem assim é e vive.

Há tanto rosto já marcado! Tanto olhar perdido para a Liberdade!

E é tão difícil libertar!

É preciso procurar essa «verdade» que não está só em nós. Descobrir a parcela de bem que existe em toda a gente. Dar a mão, principalmente àquele que não pode caminhar. Estar sempre disponível para fomentar mais justiça. Amar mais por actos que por palavras. Viver a vida com a verdade e a ousadia dos «pequeninos». Mas saber também que a utopia tem um preço caro e que o realismo se deve defender com a vida. É que dar a vida por um cadáver é criar um vazio eterno...

É preciso acreditar! E sonhar mesmo na escuridão... que o sol virá, com as nuvens e tudo, mas só as flores tenras abrirão suas pétalas!

Os espinhos também vão querer calor, mas são duros! Que pena!

E o sol é para tudo e para todos.

Porquê as sombras? E a desigualdade institucionalizada?

E a sede do mando?

E a fome de pão?

E a exploração, até dos sentimentos mais profundos?

Porquê, a Felicidade sonhada... e perdida?

E porquê, a indiferença de tantos?

Ah! As sombras morrem... com sol ou com a escuridão da noite sem luar! Tudo vai passando. Apenas fica tudo o que tiver a marca do Amor e da Liberdade.

Padre Moura

HOSPITAL MARIA PIA

Notícia recente falava-nos de um futuro Hospital para Crianças a nível internacional. Eu não conheço mundo nem Hospitais para Crianças além-fronteiras. Mas conheço dois em Portugal onde a pobreza de meios e bastantes estorvos burocráticos não impediram a realização de um Hospital vivo e adequado à Criança — ambos obra das Franciscanas Missionárias de Maria. São o Sanatório do Outão e o Hospital Maria Pia no Porto.

Neste entrei a primeira vez pela mão de Pai Américo. «Anda aqui regalar-te mais eu» — disse ele. E fomos. E corremos enfermeiras. E acariciámos crianças. E deliciámo-nos com aquele clima de alegria e encantamento, em que a doença quase se esconde envergonhada, como se não fora ela o título de se estar ali.

Depois, muitas vezes, voltei lá a regalar-me, ocupando uma hora vazia de recados no Porto. E de cada vez saía dizendo com os meus botões: «Se um dia adoecesse e precisasse de hospital, quem me dera ser pequenino para vir para aqui». Claro que nunca



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa